

Neoplasias em *Amazona aestiva* (Papagaio Verdadeiro) – Relato de dois casos

Vitor Lavalle Carneiro^{1*}, Lívia Mariana Lopes Monteiro¹, Rubens Antônio Carneiro²

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: carneirovdp@gmail.com

²Docente no Curso de Medicina Veterinária - Universidade Federal de Minas Gerais UFMG - Belo Horizonte/MG - Brasil

INTRODUÇÃO

Os processos neoplásicos nos animais de estimação têm aumentado muito nas últimas décadas decorrente do aumento da expectativa de vida desses animais relacionado à melhorias na prevenção de doenças infecciosas e parasitárias, nutrição, terapêutica e prática médica.¹ Alguns autores relatam processo semelhante para os animais silvestres e exóticos sob cuidados humanos, também com aumento na incidência de neoplasias relacionado com o aumento na sobrevida.^{2, 3, 4} Adicionalmente, os diferentes animais espalhados pelo globo podem auxiliar no entendimento de desenvolvimento de tumores, prevenção e tratamento.⁵

As neoplasias acometem cerca de 5,5% dos psitacídeos brasileiros em cativeiro e dentre as espécies mais prevalentes está a *Amazona aestiva*, mais conhecido como papagaio verdadeiro. Assim como nos animais de companhia, a avaliação diagnóstica é feita a partir da citologia e histologia da lesão, sendo dificultada quanto a falta de recurso ou interesse dos tutores, além do receio daqueles que possuem o animal de forma ilegal, levando a um diagnóstico tardio e dificultando o sucesso do tratamento. Entre os diagnósticos mais presentes é possível citar o lipoma, xantoma, adenocarcinoma e carcinoma.⁶

O termo Neurofibroma/sarcoma é usado quando o tumor é composto por células de Schwann e perineurais. Esta distinção pode ser difícil com a coloração de rotina requerendo o uso de ferramentas como a imunohistoquímica. No entanto, a combinação dessas entidades de doença sob o título “Tumor da bainha do nervo periférico” (PNSTs) se deve ao fato que a maioria dos diagnósticos são feitos sem esses testes auxiliares porque os marcadores são inespecíficos, justificando o maior uso desse segundo termo na Medicina Veterinária. A aparência macroscópica revela tumores de consistência firmes a moles, bem circunscritos, não encapsulados, localizados na derme ou subcutâneo. Geralmente ao corte tem coloração brancos a cinza. O tratamento cirúrgico tende a ser curativo quando benignos.⁷

Já o carcinoma de células escamosas (CEC) trata-se de uma neoplasia maligna de células epidérmicas no qual as células mostram diferenciação em queratinócitos, havendo aí correlação positiva entre a exposição solar em áreas de menos pelos ou de pigmentação clara com este tipo de neoplasia, mas pode ocorrer em qualquer parte do corpo do animal. A apresentação clínica do CEC cutâneo pode ser altamente variável. O CEC cutâneo pode ter aparência de placa, nodular firme e essas lesões podem ser eritemáticas ou ulceradas, e com formação de crostas. Metástases são raras e o tratamento é preferencialmente cirúrgico com margens amplas visto que a neoplasia cresce de forma infiltrativa podendo atingir tecidos mais profundos e até mesmo o osso.⁷ Dependendo da localização da lesão, em animais domésticos utiliza-se associação de tratamento com eletroquimioterapia ou radioterapia.^{1,8} O objetivo deste trabalho é relatar dois casos de neoplasia em papagaio com realização de tratamento cirúrgico.

RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

Caso 1

Deu entrada no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) um papagaio adulto, sem definição de sexo, apresentando massa com 4 cm na região lateral da face com crescimento lento, mas que já apresentava desconforto para o paciente em relação as suas atividades diárias como alimentação, postura no poleiro, deslocamento na parte interna da casa e interação com a família. O animal foi submetido ao exame clínico que revelou parâmetros normais, mas lateralidade da cabeça provavelmente em função do peso da massa na lateral da face, gerando desconforto e alteração postural. A massa apresentava consistência macia, móvel, não ulcerada com cerca de 4 cm

em subcutâneo da face. Foi indicado o tratamento cirúrgico com objetivo de melhorar a qualidade de vida do animal assim como obter um diagnóstico preciso da lesão neoplásica para definição de prognóstico, sendo o animal encaminhado ao setor de cirurgia.

O setor de anestesia foi responsável pela contenção química do paciente tornando possível a realização do procedimento. Realizou-se incisão elíptica em pele e subcutâneo com divulsão de tecidos e retirada da massa que se apresentava delimitada, aparentemente encapsulada e de fácil remoção, sendo feito sutura em pontos simples separados com fio absorvível tipo caprofil 3-0 e um segundo plano contínuo para melhor justaposição das bordas, acompanhado de uma sutura de pele com fio de nylon 3-0. O animal teve bom retorno anestésico e foi encaminhado para casa e retorno em 15 dias para reavaliação e retirada dos pontos. Ao final deste tempo os pontos foram retirados com boa cicatrização por primeira intenção. O exame histopatológico revelou tratar-se de uma neoplasia benigna de nervos periféricos classificada como neurofibroma e o paciente teve o retorno de suas atividades a normalidade recuperando sua qualidade de vida por se tratar de uma lesão benigna com bom prognóstico.



Figura 1 Animal empoleirado com massa de 4cm evidente em lateral da face.

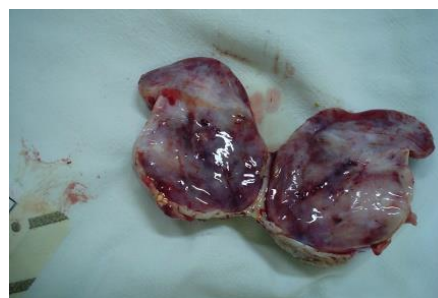


Figura 2 Corte longitudinal da neoplasia após exérese cirúrgica.



Figura 3 Pós operatório imediato do animal e aspecto da sutura após procedimento cirúrgico.



Foi atendido no Hospital Veterinário da UFMG, um papagaio adulto sem definição de sexo apresentando massa sólida ulcerada e de difícil delimitação com sinais de dor a palpação na face interna da asa. Após o exame clínico, o animal foi encaminhado ao setor de cirurgia que definiu como conduta de tratamento a amputação da asa, visto que uma cirurgia menos invasiva não seria possível devido ao risco de exposição óssea, além de ulceração e infiltração nos tecidos internos. A cirurgia foi realizada sob anestesia geral, com desarticulação na altura da articulação escapulo umeral, sendo a sutura interna para reconstituição da musculatura realizada com pontos simples separado e caprofil 3-0 bem como a redução do espaço morto com sutura no padrão simples contínuo e a pele com fio de nylon 3-0 em padrão simples separado. O animal teve uma boa recuperação anestésica e, apesar do receio de dificuldade em se manter de pé devido ao equilíbrio, houve boa e rápida adaptação. Foi utilizado colar elisabetano modificado feito com chapa de rx por ser um material leve e de fácil manipulação, para evitar que houvesse interferência do animal durante o processo de cicatrização. Os pontos foram retirados com 15 dias e o laudo histopatológico revelou tratar-se de um carcinoma de células escamosas.



Figura 4 Animal sedado, com aporte de oxigênio e em preparo para início do procedimento cirúrgico.



Figura 5 Neoplasia localizada em asa esquerda, sólida, com evidente ulceração.



Figura 6 Pós operatório imediato do animal com colar elisabetano confeccionado com chapa de radiografia.

Em ambos os casos o tratamento cirúrgico foi escolhido como abordagem terapêutica principal por ser ainda a modalidade mais usada para tratamento oncológico na medicina veterinária e também pelo fato de que pouco se sabe sobre as neoplasias nestas espécies nativas, levando a pouca disponibilidade terapêutica diferenciada como acontece nos animais domésticos, evidenciando a necessidade de mais estudos com estas espécies.²

A abordagem mais conservativa no caso 1 em comparação com o caso 2 se deve a localização e aspecto macroscópico das lesões bem diferentes entre si, onde no caso 2 observaram-se características compatíveis com doença mais agressiva como a ulceração e infiltração, mostrando a importância da avaliação clínica e do conhecimento de aspectos macroscópicos das lesões,^{7,1} auxiliando na melhor tomada de decisão em cada caso o que se confirmou com os diagnósticos após o resultado da biopsia de cada peça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente muito se conhece sobre diferentes protocolos de tratamento das diferentes neoplasias em animais de companhia mas o mesmo não acontece para os animais selvagens. Por mais que o tratamento cirúrgico seja uma possibilidade, a necessidade de protocolos que levem em conta o comportamento biológico de doença nas diferentes espécies da fauna se faz cada vez mais necessário. Com o conhecimento existente atualmente os casos relatados tiveram bons desfechos, porém é evidente maiores pesquisas na área de medicina de animais selvagens e de profissionais interessados nessa especialização, com o objetivo na recuperação ou melhoria de qualidade de vida destes animais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. VAIL, David M et al.; **Withrow and MacEwen's Small Animal Clinical Oncology**. 6 Ed. Missouri: Elsevier, 2020.
2. TEIXEIRA, Rodrigo H. F. et al. **Neoplasia testicular em jaguatirica (*Leopardus pardalis* – Linnaeus, 1758)**. Clínica Veterinária, Sao Paulo, vol. 26, n. 152, p. 54-65, mai-jun, 2021.
3. BRAZ, Vinicius E. D. **Ocorrência de neoplasias em animais selvagens no hospital veterinário da Universidade Federal de Uberlândia**. Uberlândia: Julho de 2018.
4. LOWENSTINE, L.J. (1986). **Neoplasms and Proliferative Disorders in Nonhuman Primates**. In: Benirschke, K. (eds) Primates. Proceedings in Life Sciences. Springer, New York, NY.
5. COIMBRA, Rafaela. **Eletroquimioterapia como tratamento de neoplasia mesenquimal maligna em papagaio verdadeiro (*Amazona aestiva*)**. 2021. 18 folhas. Medicina Veterinária – UNICEPLAC. Gama-DF, 2021.
6. CUBAS, Zalmiret al. **Tratado de Animais Selvagens: Medicina Veterinária**. 1 Ed. São Paulo: Rocca, 2007.]
7. MEUTEN, Donald. **Tumors in domestic animals**. 4 ed. Iowa: Iowa state press, 2002.
8. LARKIN, J. O. **Electrochemotherapy: aspects of preclinical development and early experience**. Ann Surg. 245, 3, 469-479, Mar. 2007.